



Perfil Psicossocial dos Radialistas de Manaus Baseado na Teoria Crítica¹

Denison SILVAN²

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

RESUMO

Este artigo desenvolveu-se a partir de considerações empíricas e teóricas e tem como objetivo traçar um perfil psicossocial dos radialistas de Manaus durante a década de 1990. Está referenciado na Psicologia Social Básica. O comportamento dos radialistas e a influência exercida por esta classe sobre a sociedade foi analisada tendo como referência a Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt. Procurou-se saber se a função educadora do meio de comunicação rádio estava sendo exercida pelos radialistas. Deduziu-se que a programação existente em Manaus faz parte de um círculo vicioso em que as emissoras de rádio estão inseridas e que é necessária uma revolução nos padrões morais e éticos, nos valores e perspectivas pessoais dos radialistas.

PALAVRAS-CHAVE: Radialistas; Amazonas; Teoria Crítica.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi elaborada com o objetivo de verificar o perfil psicossocial do radialista de Manaus durante a década de 1990. Para atingir este objetivo, aplicamos um formulário de perguntas para 20 radialistas, com os quais fizemos entrevistas gravadas em áudio. Os dados obtidos foram analisados sob a ótica da Teoria Crítica da Sociedade proposta pelos filósofos da Escola de Frankfurt, buscando subsídios, principalmente, na obra de Herbert Marcuse e sua psicanálise social. Paralelamente a estes conceitos e objetivando dar consistência ao âmago deste artigo, nos apoiamos da Psicologia Social Básica, da qual utilizamos seus métodos de pesquisa e referencial prático e teórico.

No primeiro momento, fizemos uma retrospectiva histórica dos principais acontecimentos que levaram à implantação do meio de comunicação rádio em Manaus. No segundo momento, nos debruçamos sobre o perfil psicossocial dos radialistas, elaborado a partir de dados pessoais e econômicos, posicionamento diante da sociedade e opinião sobre assuntos relacionados à profissão. Na terceira e última parte, revelamos

¹ Trabalho apresentado no DT 05 – Rádio, TV e Internet do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014 em Belém, PA.

² Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), e-mail: denisonsilvan@hotmail.com.



o alcance que a Teoria Crítica da Sociedade tem sobre a análise dos meios de Comunicação Social e sua influência sobre a Academia de Ciências, disponibilizando conceitos e ideias, caminhos e orientações para o pesquisador. Destacamos o conceito de liberdade que nos é oferecido pelo olhar de Herbert Marcuse e, sobretudo, as possibilidades que ele nos apresenta.

RETROSPECTIVA HISTÓRICA DO RÁDIO AMAZONENSE

A Manaus que viu surgir a primeira emissora de rádio no Amazonas, a Voz de Manaus inaugurada em 1927, era uma cidade em que os habitantes ainda estavam esperançosos de recuperar a liderança na produção da borracha, perdida para o Sudeste Asiático, e voltar a ter o prestígio que gozavam antes do *debaclé*. A iniciativa de montar uma emissora de rádio partiu de Efigênio Sales, então governador do Estado, que compartilhava com o amigo e inventor Alberto Santos-Dumont interesse em assuntos científicos e queria ter o rádio como meio de comunicação no Amazonas. Segundo Nogueira (1999), o objetivo da emissora pioneira era transmitir informações comerciais, financeiras e divulgação dos atos governamentais para o interior do Estado.

Inaugurada em abril de 1927, a Voz de Manaus operava em ondas curtas com equipamento fabricado pela companhia inglesa Marconi. O horário da programação se resumia em uma hora, de 21h às 22h, nas segundas, quartas e sextas-feiras. Nogueira descreve as particularidades da emissora pioneira:

“Nos dias em que as informações comerciais não eram veiculadas, funcionários da companhia telegráfica local convidavam artistas locais, na maioria seresteiros, para fazer apresentações ao vivo de números de cantos e poesia. Sem periodicidade fixa, esses espetáculos improvisados passaram a dar vida e personalidade à estação, batizada de Voz de Manáos” (NOGUEIRA, 1999).

Desde meados da década de 1920, as pessoas que tinham interesse em ouvir notícias, músicas e óperas podiam sintonizar a frequência de emissoras nacionais e estrangeiras. Considerando-se que o último ano de funcionamento da Voz de Manaus foi 1930, passaram-se oito anos até que a população tivesse novamente a oportunidade de ouvir outra emissora de rádio local. No dia sete de setembro de 1938, o técnico eletrônico paulista Lizardo Rodrigues colocou no ar a Voz da Bariceia, instalada na



própria residência, localizada na Avenida Sete de Setembro, com o prefixo PQM-3. Posteriormente, a Voz da Bariceia passou a se denominar Rádio Baré.

A inauguração da Rádio Difusora em 24 de novembro de 1948 se deve, em parte, à conjuntura política nacional após o fim do Estado Novo, mas, principalmente, ao espírito oportunista do jornalista catarinense Josué Cláudio de Sousa, para quem a “carruagem da sorte só passa uma vez e, quando aparece, é preciso ser rápido para não perde a carona”. Nogueira afirma que o jornalista se beneficiou por estar no lugar certo e na hora certa, pois, além do momento ser favorável ao empreendimento, a neutralidade política exercida por Josué Cláudio de Sousa após a renúncia do presidente Getúlio Vargas motivaram cinco empresários, liderados pelo comendador português J.G. Araújo, a financiar os equipamentos da nova emissora.

A partir da inauguração da Rádio Rio Mar, em 1954, o radialismo amazonense passou a viver uma nova fase, em que a polaridade entre as emissoras Baré e Difusora deixou de existir. Daí em diante, iniciou-se a consolidação do mercado publicitário direcionado para o meio de comunicação rádio, ao mesmo tempo em que o público ouvinte se tornou mais exigente e reavaliou o conceito de fidelidade a uma emissora. A Rádio Rio Mar foi uma iniciativa de um grupo de empresários liderado pelo comerciante Charles Hamu e jornalistas Agnaldo e Aluísio Archer Pinto. No início, foi uma empresa comercial destinada a concorrer com as duas outras emissoras existentes em Manaus pela preferência popular.

A Rádio Tropical de Manaus, inaugurada em 15 de março de 1969 detém o honroso título de ser a primeira emissora em toda a América Latina a transmitir em Frequência Modulada (FM), pelo sistema estéreo. Segundo Nogueira, o pioneirismo da Rádio Tropical FM se deveu ao Governo brasileiro, que, na época, queria inibir a penetração de programação radiofônica vinda de outros países, especialmente aquela com orientação política contrária à ideologia dominante. O publicitário Edmar Costa montou toda a programação inicial da emissora e, inclusive, tinha seu próprio programa, o Corujão da Madrugada. Na década de 1990, a equipe de locutores da emissora era composta por Arlysson Jofá, Gláucio Henrique, Magali Fortes, Mateus Arruda, Marcelo Monteiro e Wilton Lima, entre outros. Em 1987, a emissora mudou o nome para Rádio Cidade FM, que mantém atualmente.

A emissora Rádio Independência foi inaugurada em sete de setembro de 1978, operando inicialmente em Ondas Tropicais (OT), um empreendimento que tinha entre seus proprietários o senador Leopoldo Péres Sobrinho. Inicialmente estava localizada



em uma casa na Avenida Djalma Batista, ao lado do prédio do jornal Diário do Amazonas. Com o tempo, passou a se denominar Rádio A Crítica FM e, atualmente, compõem, com a Rádio Jovem Pan FM, o Sistema A Crítica de Rádio e Televisão.

A Rádio Jovem Pan foi inaugurada em 1986 com o nome de Rádio Tarumã, uma concessão obtida pelos políticos Cleuter Mendonça e Raimundo Parente que posteriormente foi adquirida pelo empresário Umberto Calderaro Filho para fazer parte do Sistema A Crítica de Rádio e Televisão. De 1991 a 1996, a emissora operou com o nome de Rádio Transamérica FM, em sistema de franquia com a marca Transamérica. De 1996 em diante a emissora passou a operar com a franquia da Rádio Jovem Pan, sendo que, no ano 2000, apenas dois locutores eram necessários para cuidar da programação dessa rádio.

Fundada em 20 de março de 1985 pelo empresário Phillipe Daou, a Rádio Amazonas FM iniciou suas atividades de radiodifusão com equipamentos de segunda mão. Os primeiros locutores da emissora foram Graciano Rebelo, Raidi Rebelo, Ronaldo Tiradentes, José Dantas, Luiz Dantas, Luiz Cláudio Santoro, Renato Pitanga e Marcus Vinicius. Atualmente, é uma das principais emissoras de rádio do Amazonas.

Emissora pertencente à Fundação Rádio Cultura do Amazonas (Funtec), a Rádio Cultura, operando em Ondas Tropicais (OT), teve início no dia 10 de dezembro de 1991. Anteriormente, pertencia à Radiobras e foi comprada pelo Governo do Amazonas, que a incorporou à Funtec. A Rádio Cultura é uma emissora que apoia a cultura no Amazonas, com um programação voltada exclusivamente para o interior do Estado, tendo como público-alvo as comunidades ribeirinhas. Seu objetivo é educar, entreter e prestar serviços, principalmente nas áreas de saúde e agropecuária, além dinamizar a cultura regional.

A emissora Rádio Você FM pertence à família Hauche, que aluga o horário integralmente, desde 1996, para a Igreja Universal do Reino de Deus. A programação da emissora consiste em música evangélica e pregação religiosa. Segundo o pastor Ronaldo Silva, a programação da emissora é voltada, principalmente, para as pessoas “sofredoras e desesperadas que procuram obter paz através do rádio”.

PERFIL PSICOSSOCIAL DOS RADIALISTAS AMAZONENSES

Para traçar um perfil psicossocial baseado na Psicologia Social Básica escolhemos, entre os quatro métodos que os psicólogos utilizam, o de levantamento de



dados do qual, geralmente, participa um número elevado de pessoas. Inicialmente, identificamos um universo de cerca de 100 radialistas que atuaram como locutores nas 16 emissoras de rádio de Manaus durante a década de 1990. Utilizando o método estatístico, acreditamos que a população pesquisada, por intermédio da amostra de 20 radialistas, reflita não só a realidade do ano 2000, mas de certa maneira, de toda a década de 1990.

A Psicologia Social Básica se ocupa do “estudo de modelos capazes de explicar a relação entre variáveis psicossociais. A Psicologia Social Básica consiste na utilização dos conhecimentos teóricos e básicos na realização de pesquisas diretamente ligadas a resolução de um problema social específico” (MIRADOR INTERNACIONAL, 1988).

O questionário aplicado foi elaborado com objetivo de obter informações básicas sobre os radialistas e verificar suas opiniões sobre determinados assuntos que influenciavam diretamente sobre seu comportamento como profissional. Eles são um grupo social e, como tal, definidos por Fachin (1999) como sendo um “conjunto de indivíduos estruturados e integrados que interagem e que estão funcionalmente organizados, possuem padrões neuropsíquicos e valores socioculturais orientados” para atingir metas comuns. A partir dessas informações foi possível traçar um perfil psicossocial da categoria e inseri-la no contexto socioeconômico, político e cultural vigente na última década do século XX.

Como os demais profissionais que têm atividades voltadas para o público, os radialistas usam nomes por eles considerados eufônicos ou que possam identificá-los de maneira rápida e segura, caracterizando-os individualmente em meio aos seus pares. Usam os chamados nomes artísticos. Entre os 20 radialistas pesquisados, a regra foi a diminuição de seus nomes de registro, escolhendo entre estes, o que melhor lhes pareciam. A redução de um nome próprio em apelido, também foi constatada, no caso de Tom Claro, que manteve, no entanto, o sobrenome. Ele é o humorista conhecido por Caboco Pávulo, que se apresenta não só em programas de rádio, como também em comerciais e shows de TV. Apenas uma exceção à regra foi encontrada, o Velho Juvenal, personagem-símbolo da cultura nordestina em Manaus, encarnado por José Damaci Lucena Júnior, da Rádio do Povo, que também usa o nome artístico Jota Júnior quando lhe convém.

Manaus foi uma cidade onde metade dos radialistas pesquisados nasceu, seguida de Santarém, Pará, com 10% e de Careiro da Várzea, Parintins, Itacoatiara, no Amazonas, Gurupá e Belém, no Pará, além de Patos, na Paraíba, Feira de Santana, na



Bahia e Rio de Janeiro, cada uma com 5%. Estas porcentagens, consideradas como amostras válidas para nossa pesquisa, talvez reflitam também, de uma maneira generalizante, a origem da população que vive em Manaus. A faixa etária do radialista vai de 21 anos, é o caso do locutor evangélico Raimundo Moreira, até a idade do veterano locutor esportivo Arnaldo Santos, de 62 anos. A média ficou em 36,6 anos.

A pesquisa mostrou que a escolaridade do radialista de Manaus não é baixa, como era uma de nossas suspeitas iniciais, tendo uma porcentagem expressiva da população pesquisada, 45%, nível superior no ano 2000, apenas 5 pontos percentuais a mais do que no início da década, em janeiro de 1991. O único caso que o radialista respondeu que estava no ensino fundamental no ano de 1991 foi em função da idade, na época com cerca de 14 anos, mas ele aparece no nível médio no ano 2000. O nível médio, assim, permaneceu com 55%, do ano de 1991 até 2000.

Dos nove radialistas que tinham concluído uma faculdade até o ano 2000, seis eram administradores de empresa, dois jornalistas e uma geógrafa, Magali Fortes, da Rádio Cidade, que inclusive dava aulas dessa disciplina em colégios particulares. Na lista de profissões exercidas encontramos políticos, funcionários públicos, despachantes de cargas, comerciários, industriários, bancários, gerente comercial, diretor de produção de TV, relações públicas e secretária executiva.

Questionados sobre qual motivo para se tornar radialista, a maioria afirmou que foi por vocação, mas outra resposta, muito mencionada durante as entrevistas, deu conta de que ter uma voz apreciada pelos amigos foi o motivo da escolha da profissão. Além destes fatores, alguns admitiram que a necessidade financeira aliada à oportunidade de ter uma profissão foram as causas principais. Outros responderam que foi a paixão pela música ou pelo esporte ou, ainda, sua determinação de ser útil de alguma forma à sociedade.

Em relação à escolaridade, a conclusão a que se chegou é que a capacidade de conquistar e manter a atenção do ouvinte é mais importante para a emissora do que a formação acadêmica na área de Comunicação Social. Para comprovar a afirmação, citamos o fato de apenas dois radialistas ter formação em Jornalismo, representando apenas 10% da amostra. O radialista religioso Raimundo Moreira, que corresponde a 5% da amostra, admitiu que não fez nenhum curso na área de Comunicação Social. Os demais 85% fizeram cursos de radialismo promovidos por instituições profissionalizantes, sendo que o curso de locução e apresentação do Sindicato dos Radialistas foi o mais citado.



O diretor de programação da Rádio Cidade Tropical, Eric Costa, afirma com certo orgulho que a emissora promove testes de locução franqueados a quem desejar participar, sem se importar com as determinações legais a que a profissão está sujeita. Os que mais se destacam nesses testes são contratados pela emissora e estão sujeitos às condições de trabalho impostas pelos proprietários desses veículos. Neste sentido, a radialista Magali Fortes criticou esse sistema utilizado pela emissora em que trabalha, o que permite, sendo ela, a entrada na profissão de pessoas de sem a escolaridade necessária para ser radialista. Ela citou como exemplo um candidato que escreveu a palavra serviço sem a letra r.

Durante a aplicação do questionário, o monoglotismo prevaleceu no quesito fluência verbal em língua estrangeira. Destacamos a rapidez e segurança com que os entrevistados respondiam a essa pergunta, quase sempre de forma negativa, ou seja, sem o domínio de outro idioma. Poucos arriscaram a alegação de que tinham algum conhecimento de inglês ou espanhol. Surpreendentemente um locutor da Rádio Rio Mar afirmou ter fluência verbal em italiano, mas, na conversa sobre o idioma deixou transparecer que o conhecimento que tinha era superficial e livresco. Os resultados obtidos apontam 100% dos entrevistados como sendo detentores do idioma português como primeira e única língua. Considerando que a metodologia usada admite uma margem de erro de 5% em relação à realidade, citamos dois radialistas de Manaus que são conhecidos como políglotas, Joaquim Marinho e Humberto Amorim. Mas, o único que se arrisca a apresentar um programa em língua estrangeira em plena manhã de domingo é o radialista Josué Filho, falante assíduo do portunhol.

De maneira geral, os radialistas que atuavam no radialismo durante a década de 1990 refletiam a sociedade amazonense. Quando confrontamos os dados obtidos na pesquisa, constatamos que a situação socioeconômica dos radialistas estava acima da média de seus conterrâneos. Constatou-se que 75% possuíam automóveis, 90% tinham casa própria ou moram com os pais e 65% utilizam computador pessoal em suas residências.

Verificou-se que a maioria, 55%, tem uma renda mensal entre 6 e 10 salários mínimos, aqui considerando-se o salário mínimo como sendo de R\$ 151,00, equivalentes a aproximadamente US\$ 475,00 em dezembro do ano 2000. Com uma renda mensal para efeito desta pesquisa, consideramos a soma dos rendimentos obtidos pelo radialista não só proveniente da sua atuação como radialista, mas de todas as atividades remuneradas que, porventura, tivessem. Uma porcentagem expressiva, 30%



do total, disse que ganhava acima de 10 salários mínimos. Somente 15% dos entrevistados reclamaram dos baixos salários pagos pelas emissoras, e se incluíram na faixa de 1 a 5 salários mínimos.

A média salarial, considerando-se a remuneração exclusiva como radialista em dezembro de ano 2000, ficou em 6,7 salários mínimos, que correspondiam a R\$ 1.011,70, ou cerca de US\$ 505,00. Exatamente 7 entrevistados, que corresponde a 35% da população estudada, responderam que ganhavam 3 salários mínimos, R\$ 453,00, o que caracteriza o salário de um iniciante na profissão.

ANÁLISE CRÍTICA DO RADIALISMO AMAZONENSE

De viés marxista, a Teoria Crítica da Sociedade é o resultado dos estudos da Escola de Frankfurt, fundada em 1923, na Alemanha. Os principais teóricos dessa escola que trabalharam com os fenômenos da comunicação são Walter Benjamin, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Eles tinham um posicionamento semelhante em como encarar o sistema capitalista, afirmando que este é rígido pelo fator econômico. A intenção da Escola de Frankfurt é fundir o comportamento crítico com a proposta política de uma reorganização racional de sociedade, de modo a superar a crise da razão. “Os fins específicos da Teoria Crítica são a organização de uma vida em que o destino dos indivíduos seja dependente da realização programada das possibilidades humanas” (MARCUSE, 1936).

A principal característica da Teoria Crítica é considerar a sociedade como um todo e, neste aspecto, a análise que faz dos fenômenos sociais está em oposição às pesquisas realizadas pelas disciplinas setorializadas, que, segundo o sociólogo italiano Mauro Wolf, se desviam da compreensão da sociedade como um todo e, por conseguinte, acabam por desempenhar a função de manutenção da ordem social existente.

Na Teoria Crítica surge o conceito de indústria cultural, em que os meios de comunicação eletrônicos e impressos constituem um sistema, com cada setor se harmonizando entre si, segundo o entendimento de Horkheimer e Adorno. O mercado de massa, segundo os pensadores, impõe standardização e organização e os gostos do público e suas necessidades resultam em produtos culturais caracterizados por estereótipos e pela baixa qualidade.



Na era da indústria cultural, os indivíduos perdem a identidade, suprimida pela vontade do mercado, e sua ausência é substituída pelo consumo acrítico dos produtos culturais. Considerando que a sociedade manipula o homem a seu bel-prazer, Adorno afirma:

“A indústria cultural inegavelmente especula sobre o estado de consciência e inconsciência de milhões de pessoas às quais ela se dirige, as massas não são, então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo; um acessório de maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gosta de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto” (ADORNO apud COHN,1975)

Um exemplo para demonstrar este pensamento de Adorno é a música de massa, que tem no rádio um dos seus principais meios de divulgação, e que age como “cimento social” de uma maneira que esta função social do rádio passa despercebida aos indivíduos. A Escola de Frankfurt acredita que os pesquisadores tem que interferir, tem que criticar. Todo o resultado de pesquisa e toda análise dos meios de comunicação, no final das contas tem que ser criticado. O sistema social vigente funciona calcado em cima de interesses econômicos, do capitalismo. Se o sistema funciona assim, é necessário sempre se desconfiar das coisas.

QUESTÃO ECONÔMICA NO RADIOJORNALISMO

Como nos demais empreendimentos capitalistas, o fator econômico determina a permanência dos veículos de comunicação no mercado. Este fato se reflete na busca incessante por elevados níveis de audiência que possam ser interessantes para os anunciantes e mantenedores. Um estudo sobre os meios de comunicação, o rádio no nosso caso específico, estaria incompleto se não tratasse do contexto econômico em que realizam suas atribuições e desenvolvem suas aptidões.

Em sua maioria, os veículos de comunicação em Manaus são mantidos financeiramente por intermédio da venda de espaço publicitário de suas programações. Tal atividade é importante na estratégia de marketing dos patrocinadores, em geral comerciantes varejistas, prestadores de serviço, associações religiosas e os governos federal, estadual e municipal. Em seu ensaio sobre as transformações sofridas pelo rádio brasileiro na década de 1990, Del Bianco (p.187) cita o professor Renato Ortiz como afirmando que o surgimento do rádio comercial, a partir da década de 1940, foi um “fator fundamental para a introdução da indústria cultural no Brasil”. Esta ligação direta



dos veículos como o sistema social, econômico e político, faz com que eles não só contribuam de maneira também direta para a manutenção do sistema no qual estão inseridos, mas resulta em clima de aprovação deste sistema, de maneiras implícita, na programação das emissoras de rádio e televisão.

Durante a pesquisa, observou-se na atitude dos radialistas uma reiteração permanente dos valores sociais vigentes, numa evidente manifestação de conservadorismo que os obriga a aceitar todos os direcionamentos que emanam da ordem social. O professor Rui Alencar, diretor do sistema A Crítica de Rádio e Televisão, concorda com este ponto de vista:

“Os meios de comunicação, principalmente a mídia eletrônica, contribuem para a manutenção do *status quo*. Não é que os meios de comunicação sejam responsáveis pela situação atual da sociedade, mas atuam como reprodutores dessas condições e de valores da sociedade. Não foram os meios de comunicação que criaram a situação atual, caracterizada pelo apelo ao sexo e à violência. Precisamos acabar com a ideia de que os meios de comunicação são os culpados pela situação atual. Mas, quem são os responsáveis? Podemos dizer que são a família, a sociedade e os meios de comunicação, também. Porque não fazem nada para mudar essa situação. Através dos meios de comunicação há o reforço do *status quo*. É alienador? É. Esse reforço da mídia não deixa de ser uma contribuição para que as pessoas permaneçam alienadas” (ENTREVISTA, 2000).

Cerceado pela sempre presente disposição de seus patrocinadores em mostrar quem é que manda, os veículos de comunicação fazem de sua atuação um serviço permanente em prol dos objetivos de seus mantenedores, dissociando sua imagem de qualquer ação positiva em favor dos reais interesses da sociedade ou mesmo de alguma atitude que revele a essência da estrutura social vigente. Qualquer elemento crítico que possa ser identificado na programação de uma emissora de rádio deve ser entendido como uma concessão do próprio sistema, como uma válvula de escape, que serve justamente, no final das contas, à manutenção do *status quo* vigente.

Neste sentido, Ianni (1999) se refere à mídia como tendo a função de pasteurizar, tornar estéreis as informações, ideias e conceitos sobre os pilares da estrutura social, justamente para formar a opinião pública e, por esta razão, as idiosincrasias coletivas se perpetuam e se desenvolvem:

“Devido aos compromissos dos diretores dos meios de comunicação com empresas e corporações, governos e partidos, igrejas e correntes de pensamentos, devido a essas e outras injunções, a mídia impressas e eletrônicas pasteuriza a economia e a sociedade, a política e a



cultura, a geografia e a história, o indivíduo e o mundo” (IANNI, 1999).

As emissoras como também os demais veículos de comunicação, têm especial predileção para aparentar que seus objetivos sociais são com o público. Neste sentido, é oportuno reiterar que os veículos, como empresas prestadoras de serviços, considera o público como potencial consumidor de produtos, serviços e ideologias e que precisa ser afagado com uma programação agradável e de fácil decodificação, o que favorece o conformismo ao deixar de veicular as questões públicas cruciais. Neste sentido, Alencar é enfático:

“Trabalhamos para atingir a grande massa que, por outro lado, assiste e ouve a programação porque não tem outra opção. A mídia eletrônica, copiada do modelo norte-americano, tem o lazer como variável principal do processo de audiência. O lazer é fácil de se consumir, não exige nenhum esforço para se decodificar a mensagem. Em função deste fato, qualquer outra programação que venha substituir a atual trará queda de audiência para o veículo, o que o obriga a permanecer neste círculo vicioso”(ENTREVISTA, 2000).

Outro fator, a que os veículos estão sujeitos, é a ordem administrativa vigente. Como os demais veículos de comunicação, as emissoras de rádio estão sujeitas à regulamentação da atividade imposta pelo Ministério das Comunicações, por intermédio da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), que tem o poder de fiscalização. O Decreto 21.111, de 1º de março de 1932, que fixa a quantidade de propaganda em 25% do total da programação diária, é um dos dispositivos legais que afetam diretamente as emissoras de rádio. Com os novos sistemas de controle eletrônico das inserções de anúncios publicitário nas programações, tanto as agências de publicidade como a Anatel podem ter certeza que seus interesses estão sendo respeitados. As emissoras, também, são obrigadas, pelo Decreto-Lei 52.795 de 31 de outubro de 1963, a veicular 5% de radiojornalismo durante sua programação diária.

Neste artigo, incluímos algumas considerações da “Teoria da abordagem empírica de campo”, que é uma abordagem de orientação sociológica, por entendermos que pode ser útil à compreensão do papel exercido pelo poder econômico sobre os meios de comunicação e por elaborar conceitos e ideias que tratam especificamente do rádio como meio de comunicação. Trata da influência exercida não só pelos meios de comunicação, mas também da influência geral que existe nas relações comunitárias, da qual os *mass media* são apenas um componente. O âmago da teoria é associar os



processos de comunicação de massa às características do contexto social em que esses processos se realizam.

A pesquisa de Lazarsfeld, “*Rádio and printed page. An introduction to the study of radio and its role in the communication of ideas*”, citada por Wolf, analisa o papel desempenhado pelo rádio em confronto com diversos tipos de públicos e revela um esforço constante para associar as características dos destinatários das mensagens com as características dos programas preferidos pelo público e com a análise dos motivos pelos quais a audiência ouve certos programas e não ouve outros. No estudo são considerados sobre as satisfações proporcionadas aos ouvintes.

Wolf considera que a contribuição principal da teoria da abordagem empírica de campo à pesquisa sobre comunicação de massa é a descoberta do enraizamento completo e total dos processos comunicativos de massa em quadros sociais muito complexos, nos quais existem variáveis econômicas, sociais e psicológicas que exercem uma ação constante sobre os resultados das pesquisas pretendidas. Em resumo, Wolf acredita que, para se compreender como ocorre a comunicação de massa é necessário centrar a atenção no âmbito social mais vasto em que essas comunicações operam e de que fazem parte.

Lazarsfeld, no entanto, analisa o rádio como meio de comunicação de massa a partir de uma visão administrativa:

“O rádio pode favorecer muitas tendências para a centralização, a estandardização e a formação das massas, tendências que parecem predominar em nossa sociedade. Mas, dentre os numerosos desenvolvimentos alternativos que podem agora prefigurar-se, muito pouco conduziram a uma oscilação da balança. Esses resultarão de poderosas forças sociais que, nos próximos decênios, influenciarão o Rádio muito mais do que por ele serão influenciados. É certo que as mudanças tecnológicas têm uma tendência intrínseca para provocarem mudanças sociais. Contudo, no que diz respeito ao Rádio, todos os elementos revelam ser inverossímil que ele venha a ter, por si próprio, profundas consequências sociais, num futuro próximo” (WOLF, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como toda teoria, a Teoria Crítica é um sistema de análise e interpretação de um determinado fenômeno inserido em uma determinada realidade. Pode ser criticada quanto aos seus aspectos fundamentais ou a determinadas particularidades, devendo-se,



para isso, se valer de outra teoria ou do bom senso, com argumentação adequada e pertinente. Deve-se ter em mente que, para se fazer uma análise e interpretação dos fenômenos escolhidos, o nosso estudo dependeu de uma visão da realidade como um todo, lançando mão de várias áreas do conhecimento para se chegar a esta conclusão. Assim, podemos afirmar que interdisciplinaridade é uma palavra-chave nas pesquisas sobre os meios de Comunicação Social.

A função educativa do meio de comunicação de massa rádio é disponibilizar para o ouvinte uma série de conhecimentos, atitudes e competências que o torne capaz de analisar de maneira crítica a sociedade em que está inserido. Concluímos que, durante a década de 1990, essa função educadora do meio de comunicação rádio não estava sendo exercida pelos radialistas de Manaus. A partir dos instrumentos teóricos disponibilizados pelos filósofos da Escola de Frankfurt, é pertinente afirmar que a programação radiofônica oferecida durante a década de 1990 fazia parte de um círculo político, econômico e cultural vicioso, extremamente prejudicial aos verdadeiros interesses sociais, em que as emissoras de rádio estavam inseridas. Para reverter tal situação desfavorável, seria necessária uma revolução nos padrões morais e éticos e nos valores e perspectivas pessoais dos radialistas.

Fazendo parte de uma corrente de ideias verdadeiramente democráticas, o radialista poderia ter uma participação decisiva em reorganizar a sociedade tendo como base um novo contrato social, com direitos e deveres para todos os cidadãos, sem exceção. O sistema atual, que tem como principal característica a opressão exercida pelo capital, se alimenta da força do trabalho das massas. De maneira direta, o sistema capitalista privilegia o predomínio das estruturas locais de poder, que operam de cima para baixo, à revelia da maioria dos cidadãos, gerando desigualdades sociais, econômicas e culturais.

Uma consideração sobre o pensamento do filósofo alemão Herbert Marcuse sobre a possibilidade de libertação, delineada na sua obra *Eros e Civilização*, nos parece oportuna e complementa a espinha dorsal deste artigo. Assim, o enfoque sobre os radialistas de Manaus extrapola a simples conveniência de se apresentar o perfil psicossocial e alguns dados estatísticos sobre esses profissionais para se projetar na possibilidade de fuga do sistema social vigente. Para o filósofo alemão:

“A juventude está na primeira linha dos que vivem e lutam por Eros contra a Morte e contra uma civilização que se esforça por encurtar o ‘atalho para a morte’, embora controlando os meios capazes de alongar



esse percurso... Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política”
(MARCUSE, 1969).

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. **Jornalismo Informação Comunicação**. São Paulo: Martins, 1971.
- BIANCO, Nélia del *et alii*. **Rádio no Brasil** – Tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: UnB, 1999.
- COHN, Gabriel *et alii*. **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Nacional, 1975.
- LINHARES, Erasmo. **O tocador de charamelas**. Manaus: Edições Rádio Rio Mar, 1979.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização** – Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- NOGUEIRA, Luiz Eugênio. **O Rádio no País das Amazonas**. Manaus: Valer, 1999.
- TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Harbra, 1999.
- WOLF, Mario. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.